



Às portas do primeiro turno, Lula segue na frente de Bolsonaro, em um cenário que se mantém desde 2021. Reação do presidente, com pacote de bondades e melhora da economia, é lenta e ainda sem alterações significativas nas pesquisas

# A luta das campanhas contra a estagnação

» VINICIUS DORIA  
» VICTOR CORREIA

A pouco mais de um mês do primeiro turno das eleições, as equipes de campanha se debruçam sobre números e recortes das pesquisas eleitorais e projetam estratégias para esta reta final de campanha. Mas os últimos levantamentos de intenção de voto não ajudam a sustentar previsões de mudanças significativas nas preferências do eleitorado nas próximas quatro semanas. A última pesquisa MDA/CNT, divulgada ontem, repete o cenário relativamente estável para os candidatos mais competitivos: o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que lidera com 42,3%, e o presidente Jair Bolsonaro (PL), com 34,1%. Ciro Gomes (PDT) se mantém em terceiro, com 7,3%, seguido pela senadora Simone Tebet (MDB), com 2,1%.

Na comparação com a pesquisa MDA/CNT feita no início de maio, Lula cresceu um ponto percentual, enquanto Bolsonaro subiu dois pontos, quando ainda estavam na disputa nomes como João Doria, Sergio Moro e André Janones, já fora da corrida presidencial.

Para avaliar o comportamento do eleitorado com base em um período mais longo, o **Correio** buscou os resultados de duas pesquisas de intenção de votos — Datafolha e Ipespe — feitas em setembro do ano passado e em março deste ano, para ter uma ideia das mudanças em dois períodos de um semestre.

Doze meses atrás, Lula tinha 44% de intenção de votos no Datafolha e 43% no Ipespe. Bolsonaro, em segundo, registrou 26% e 28%, respectivamente. Seis meses depois, Lula seguia na liderança, com 43% nos dois institutos. O presidente registrou, na época, 26% e 28%, respectivamente. Nos últimos levantamentos, de agosto, o petista lidera com 47%, contra 32% de Bolsonaro, pelo Datafolha; e por 44% a 35% no Ipespe.

Miguel Schincariol/AFP



Presenciáveis durante o debate da Band: até os azarões confiam em conquistar pontos ante a superexposição que vêm tendo

“Há meses que eu chamo esta eleição de entediante”, disse o cientista político Alberto Carlos Almeida, autor do livro *A mão e a luva, o que elege um presidente*. Ele lembrou que Lula cresceu “abruptamente” entre março e junho do ano passado, quando teve anuladas suas condenações pela Lava-Jato. A partir de então, se mantém estável na liderança.

Bolsonaro, por sua vez, iniciou, neste ano, uma ligeira recuperação. “Mas tudo muito lento, dentro da margem de erro, de uma forma muito suave, sem emoção”, avaliou Almeida.

Nos bastidores das campanhas, quem está atrás luta para levar o pleito ao segundo turno, enquanto a equipe do líder joga para não errar e decidir tudo em 2 de outubro. Por enquanto, os números que as pesquisas mostram não avalizam projeções confiáveis. O próprio candidato Lula costuma repetir, em seus encontros, que “a eleição não está ganha”. O aumento do Auxílio Brasil para R\$ 600; a queda no



**Bolsonaro está fazendo o que pode para melhorar essa avaliação. Abriu um rombo fiscal enorme e, agora, tem de aguardar a economia reagir. Não há muito mais a ser feito”**

Alberto Carlos Almeida, cientista político

preço dos combustíveis, via redução de impostos; e a criação de benefícios para caminhoneiros e taxistas ainda não surtiram o efeito desejado pelos aliados do governo, mas podem contribuir para uma virada de expectativas.

“A avaliação do governo federal é decisiva. Se melhora, Bolsonaro cresce. Se piora, Lula aumenta sua quantidade de votos. Bolsonaro está fazendo o que pode para melhorar essa avaliação. Abriu um rombo fiscal enorme (para bancar o pacote de bondades para o eleitor) e, agora, tem

de aguardar a economia reagir. Não há muito mais a ser feito”, disse Almeida.

Em março, o ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP-PI), fez uma previsão de que Bolsonaro, embalado pelas medidas econômicas, empataria com Lula nas pesquisas antes mesmo das convenções partidárias, no fim de julho. Não aconteceu. Em entrevista ao **Correio**, no início deste mês, o ministro recalibrou a expectativa. “Tenho certeza de que Bolsonaro chega ao primeiro turno na frente. Com 15

dias de programa eleitoral, a eleição estará empatada”, vaticinou.

A esperança de que as próximas pesquisas captem alguma alteração no humor do eleitorado aumenta a expectativa em relação a elas. Amanhã, está prevista a divulgação do Datafolha, que pode refletir alguma influência dos eventos eleitorais recentes, como as entrevistas dos candidatos ao *Jornal Nacional*, o debate da Band e o início da propaganda obrigatória no rádio e na tevê.

## Azarões

Até os candidatos considerados “azarões” esperam conquistar alguns pontinhos com o eleitorado, aproveitando a superexposição que tiveram. Essa é a aposta da senadora Soraya Thronicke (MS), que disputou a Presidência em chapa puro-sangue do União Brasil e espera capitalizar a boa participação que teve no debate da Band (ela não foi convidada para as entrevistas no *Jornal Nacional*).

## » Simone Tebet dá estocada em Lula

Candidata do MDB, a senadora Simone Tebet disse que não disputa eleição “para passar a mão na cabeça de ninguém”, ao comentar uma pergunta feita a ela pelo ex-presidente Lula no debate da Band. “O Lula me perguntou sobre corrupção? Por favor, né?”, afirmou, em ato de campanha em São José dos Campos (SP). O petista havia questionado a senadora sobre suspeita de corrupção da gestão Bolsonaro na compra da vacina Covaxin. “Ele (Lula) veio e perguntou: ‘Teve ou não teve corrupção (no governo Bolsonaro)? Ele podia ter ficado sem essa, né?’ Respondi que teve muita, mas que começou lá no governo dele, com o mensalão e o petrolão”, enfatizou.

“Na campanha de 2018 (ao Senado), eu só fui aparecer nas pesquisas na última semana, em quinto lugar. No domingo, eu estava eleita. As pesquisas estão erradas? Eu não sei te dizer, acredito que não. A pesquisa é uma foto do dia, a gente tem de prestar atenção no filme”, afirmou a candidata ao **Correio**.

Simone Tebet (MDB-MS) também espera converter em votos os elogios que vem recebendo pela participação no debate. Como meta, a equipe de campanha mira o terceiro lugar — ocupado desde o início da corrida sucessória por Ciro Gomes.

“De fato, nós teremos segundo turno. Não há como não ter”, prevê a presidenciável. “Eu não estou medindo muito se vai ser agora ou daqui a uma semana. A gente tem a perspectiva, sim, de, chegando ao terceiro lugar, em uma semana dobrarmos essa pontuação. A gente passa a ser o voto útil. Se isso vai acontecer em 10, 15 dias, a gente não sabe”, comentou.

## NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo  
luizazedo.df@dabr.com.br

# Debate não alterou polarização entre Lula e Bolsonaro

A pesquisa Ipec (a turma do antigo Ibope), divulgada na segunda-feira, mostra um quadro estabilizado há duas semanas na disputa eleitoral entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente Jair Bolsonaro. O primeiro com 44% de intenções de voto; o segundo, com 32%. Ciro Gomes, Simone Tebet e Felipe D’Ávila subiram um ponto cada, estão com 7%, 3% e 1%, respectivamente, todos na margem de erro. A pesquisa funcionou como uma espécie de “calma, o Brasil é grande” na cúpula das campanhas de Lula e Bolsonaro, que foram muito mal avaliados nos trackings do debate de domingo na Band e no monitoramento das redes sociais. Os demais candidatos se saíram melhor, principalmente Simone Tebet (MDB).

Vista com lupa, a pesquisa mostra que houve pequenas movimentações localizadas. Por exemplo, Lula continua liderando entre os que recebem o Auxílio Brasil, com 52%, mas Bolsonaro subiu um pontinho: passou a 29%. Ciro

Gomes, também, chegando a 8%. Entre os que não recebem o auxílio, não houve alteração, mas a distância de Lula para Bolsonaro é menor: o petista tem 40%, e o presidente, 33%. Entretanto, nas capitais, houve uma mudança muito significativa: a vantagem de Lula para Bolsonaro caiu para 2%, ou seja, estão em empate técnico. Há duas semanas, Lula estava com 45%, e Bolsonaro, com 31%. No interior, Lula cresceu um 1%, e Bolsonaro caiu o mesmo percentual: estão com 45% e 32%, respectivamente. O que é isso?

Eis uma boa pergunta para os estrategistas da campanha de Lula, porque esse é um movimento de placas tectônicas. Existe vida inteligente na campanha de Bolsonaro, cujo estado-maior procura explorar os pontos fracos de Lula e recuperar os votos de 2018 que o presidente da República havia perdido. Isso está muito claro nos programas eleitorais e nas intervenções bolsonaristas nas redes sociais. O problema da campanha de Bolsonaro não é falta de

estratégia, é o próprio candidato. Isso ficou claro no debate da Band, ao atacar a jornalista Vera Magalhães (TV Cultura). Tornou-se o grande derrotado, exatamente no momento em que crescia para cima de Lula.

A apatia de Lula no debate da Band foi flagrante, mas não provocou mais do que uma tempestade em copo d’água, se considerarmos a pesquisa divulgada na segunda, em contradição com repercussão negativa registrada nas redes sociais por sua atuação no domingo. Lula continua dando uma surra em Bolsonaro no Nordeste (57% a 25%), vence no Sudeste por uma margem estreita (39% a 33%) e, mudança importante, inverteu a situação no Sul: agora está com 36%, contra 34% de Bolsonaro. Porém, Lula caiu 6% entre os eleitores que recebem até um salário mínimo, e Bolsonaro cresceu 2%. Entre os eleitores com renda acima de cinco salários mínimos, Lula caiu oito pontos, está com 28%, contra 47% de Bolsonaro, que subiu um ponto.

## Triângulo

Bolsonaro trabalha para reduzir sua rejeição e aumentar a de Lula. É uma estratégia eficiente, para levar a eleição ao segundo turno e, nele, tentar virar o jogo e se reeleger. A resposta de Lula, num primeiro momento, foi tentar ampliar sua candidatura para vencer no primeiro turno. Essa possibilidade ainda existe, segundo a pesquisa Ipec, porque Lula tem 1% a mais do que a soma das intenções de votos de Bolsonaro com as dos demais candidatos. No entanto, as placas tectônicas sinalizam que essa possibilidade pode ser volatilizada.

O recorte regional da campanha sinaliza que a eleição será decidida no Sudeste, o chamado Triângulo das Bermudas. Lula teve alianças minoritárias no Rio de Janeiro e em Minas. O atual governador fluminense, Cláudio Castro (PL), com 26% das intenções de voto, apoia Bolsonaro. Aliado de Lula, Marcelo Freixo (PSB) tem 19%. Depois, vêm Rodrigo Neves (PDT), com 6%, e Cyro Garcia

(PSTU), com 4%. Juliete Pantoja (UP) tem 3%. Eduardo Serra (PCB), Wilson Witzel (PMB) e Paulo Ganime (Novo) empatam com 2%. O candidato Luiz Eugênio (PCO) somou um ponto percentual.

Em Minas, o amplo favoritismo de Lula não alavancou até agora a candidatura de Alexandre Kalil (PSD), com 24%, que enfrenta o governador Romeu Zema (Novo), franco favorito, com 44%. Carlos Viana (PL), com 3%; Cabo Tristão (PMB), com 1%; Lorene Figueiredo (PSol), com 1%; Marcus Pestana (PSDB), com 1%; Renata Regina (PCB), com 1%; e Vanessa Portugal (PSTU), com 1%.

Em São Paulo, o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) lidera com 32% das intenções de voto, mas o candidato de Bolsonaro, o ex-ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas, está com 17%, enquanto o atual governador, Rodrigo Garcia (PSDB), tem 10%. Depois aparece Carol Vigiari (UP), com 2%. Elvis Cezar (PDT), Vinicius Poit (Novo), Gabriel Colombo (PCB), Antonio Jorge (DC) e Altino Junior (PSTU) empatam com 1%.